



AXIOMA SERIES
IN PEDAGOGY AND PHILOSOPHY OF EDUCATION

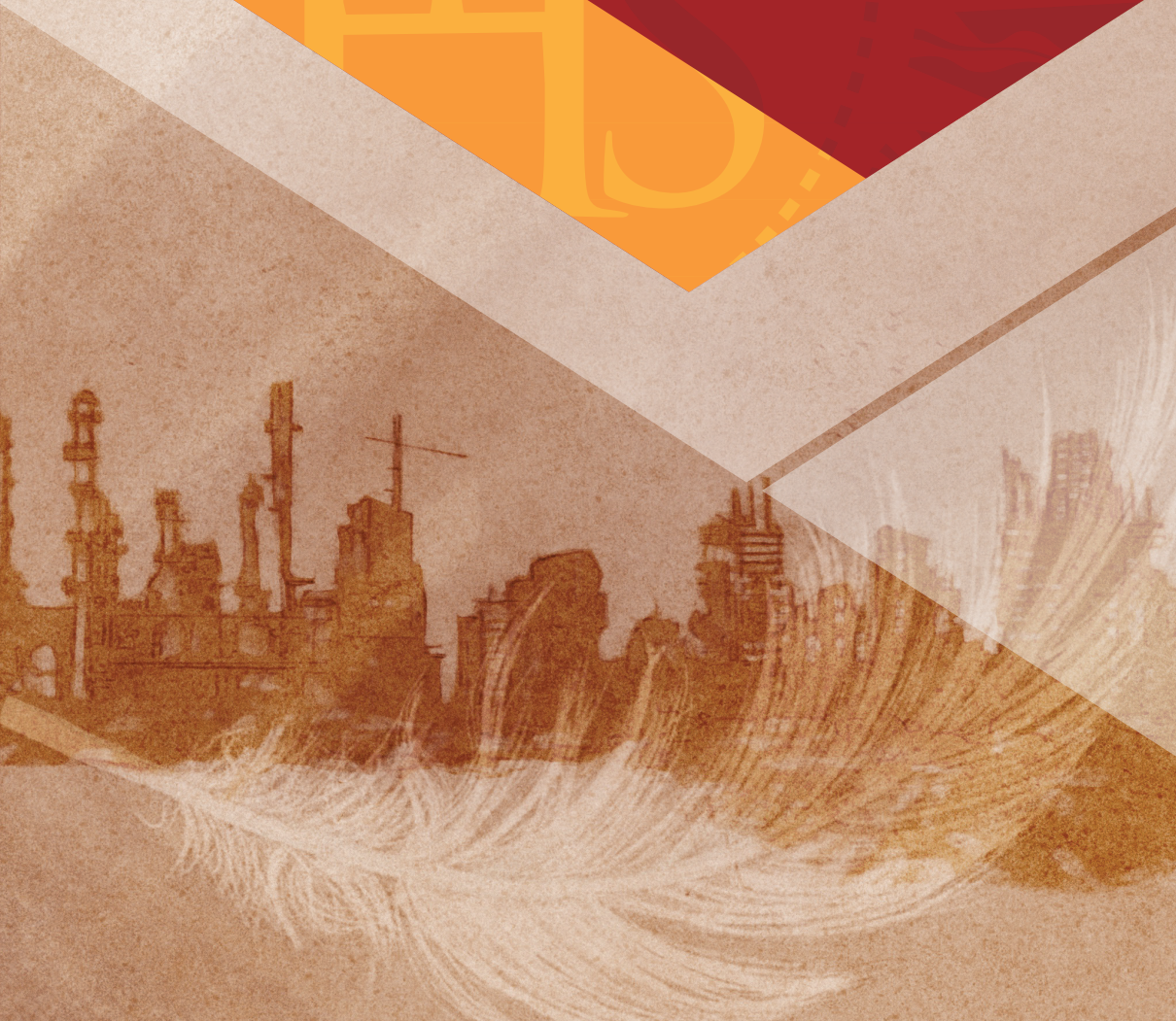


axioma

EDUCAÇÃO E CULTURA DE PAZ

MEMÓRIA, VERDADE E PERDÃO

Carlos V. Estêvão · José M. M. Lopes, SJ ·
Ana Paula Pinto · Artur I. Galvão ·
João Carlos O. Pinto, SJ · Maria José F. Lopes ·
Paulo C. Dias · Ricardo Barroso Batista (Eds.)




Introdução

JOSÉ MANUEL MARTINS LOPES, SJ*

A educação só encontra sentido se conduzir a uma cultura da Paz, promovendo a dignidade da pessoa humana. Afirmando o direito à educação como direito humano, o Artigo 26º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (*DH*) expressa que a educação deve visar o pleno desenvolvimento da personalidade humana e do sentido da sua dignidade, reforçando o respeito pelos direitos humanos pelas liberdades fundamentais, bem como o desenvolvimento da manutenção da paz¹.

Para tanto, é indispensável uma educação de qualidade, enquanto vetor de diálogo, que permita sensibilizar os destinatários para as questões associadas à paz e promova uma compreensão dos direitos humanos fundamentais, o respeito pelo outro e a aquisição de competências úteis para a instauração e a preservação de uma cultura de paz².

A palavra educação está intimamente ligada à procura de sentido para a nossa vida, que só na paz se realiza plenamente. É por isso que a educação é um ato nobre, porque ele aponta para um ideal de vida superior no caminho da paz.

* Universidade Católica Portuguesa – Centro de Estudos Filosófico-Humanísticos (CEFH).
✉ jmmlopessj@ucp.pt
 <https://orcid.org/0000-0003-4860-0067>

1. Cfr. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas na sua resolução 217A (III) de 10 de Dezembro de 1948. Publicada no Diário da República, I Série, n.º 57/78, de 9 de Março de 1978, mediante aviso do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Artigo 26. In: https://gdde.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/pdf/declaracao_universal_dos_direitos_do_homem.pdf (consultado em 11 de dezembro de 2023).
2. Cfr. Nations Unies. Assemblée générale. *Culture de paix*. A/61/175. Dist. générale. 24 juillet 2006. Article 4. In : <https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N06/442/21/PDF/N0644221.pdf?OpenElement> (Consultado em 05 de dezembro de 2023).

Os grandes “conquistadores” que ganharam espaço na História dividem-se em dois tipos: aqueles que fizeram guerra, sangue e propagaram desgraça junto dos outros para lhes impor a sua vontade, e aqueles que deram o exemplo com a revolução que fizeram em si próprios, vivendo valores que permitiram criar laços de paz e união entre todos os que os rodeavam.

O Vº Congresso Internacional de Pedagogia, sob o título *EDUCAÇÃO E CULTURA DE PAZ: MEMÓRIA, VERDADE E PERDÃO*, tal como foi apresentado, pretende constituir um espaço de reflexão e partilha de ideias e experiências capazes de contribuir para um aprofundamento dos caminhos conducentes a uma sociedade mais pacífica, harmoniosa e justa.

Estamos num momento muito difícil a nível global. Como refere repetidamente o Papa Francisco, «Viviamo una terza guerra mondiale combattuta a pezzi», isto é, estamos numa terceira guerra mundial que é travada aos pedaços. Fazendo apelo à História, à memória, diz o Papa: «Quando aprenderemos com a história que os caminhos da violência, da opressão e da ambição desenfreada [...] não servem o bem comum? Quando aprenderemos que investir no bem-estar das pessoas é sempre melhor do que gastar recursos na construção de armas letais? Quando ficaremos a saber que as questões sociais, económicas e de segurança estão todas ligadas? Quando aprenderemos que somos uma só família humana, que só pode prosperar verdadeiramente quando todos os seus membros forem respeitados, cuidados e capazes de dar a sua própria contribuição de uma forma original?»³.

A educação tem aqui esse papel fundamental de contribuir para que cada pessoa, na sua dignidade, como ser único e irrepetível, aponte para a verdade, como norte do seu agir, conhecendo e aprendendo do passado, e assuma o perdão como caminho incontornável para o *encontro* que, no diálogo e na justiça, se torna e faz paz. Os três grandes vetores, por isso, que delineámos como linhas de força deste Congresso são a memória, a verdade e o perdão.

Falar-se hoje de verdade até parece um tabu.

A verdade tem dignidade, mas não tem charme. A falsidade, a ilusão, o poder, o sucesso fácil são muito mais atraentes e cativantes

3. Papa Francesco. “Viviamo una terza guerra mondiale combattuta a pezzi”. RAI. In <https://www.rainews.it/articoli/2023/05/papa-francesco-viviamo-la-terza-guerra-mondiale-combattuta-a-pezzi-b6b0c330-806c-437e-8a08-848078f7b18b.html> (consultado em 06 de dezembro de 2023).

que a verdade. A verdade, em geral, obtém o respeito e os louvores, mas não as preferências e as honras. Diz Jacques Bouveresse: «ao que parece, a falsidade tem sobre a verdade a mesma espécie de vantagem que a estupidez tem sobre a inteligência»⁴. O problema da estupidez é que ela aparece sempre muito convincente porque “disfarçada” de progresso, de gênio, de perfeição, de esperança. Por isso é tão difícil combatê-la e escapar dela, porque muito populista. Não é fácil viver a verdade, nem suportá-la. Por algum motivo o valor, para os gregos, se referia àquela excelência, que denominavam por *aretè*, a qual admite a vontade de um devir em si e tem por único critério a força e a capacidade para suportar e *sofrer* a verdade⁵.

Urge que a educação devolva referências de sentido, e a ela lhe cabe a missão de recuperar, a partir da tradição socrática, a força e o prestígio da razão como capacidade de verdade⁶. Naturalmente que se parte de um princípio: existe a verdade, a razão pode ajudar a descobri-la, e a verdade é uma tarefa comunitária que tem no diálogo o seu instrumento privilegiado.

Como o recordou o Papa Bento XVI em Havana:

[...] a verdade é um anseio do ser humano, e procurá-la supõe sempre um exercício de liberdade autêntica. Muitos, todavia, preferem os atalhos e procuram evitar essa tarefa. Alguns, como Pôncio Pilatos, ironizam sobre a possibilidade de conhecer a verdade (cf. *Jo* 18, 38), proclamando a incapacidade do homem de alcançá-la ou negando que exista uma verdade para todos. Esta atitude, como no caso do ceticismo e do relativismo, produz uma transformação no coração, tornando as pessoas frias, vacilantes, distantes dos demais e fechadas em si mesmas. São pessoas que lavam as mãos, como o governador romano, e deixam correr o rio da história sem se comprometerem.

Entretanto há outros que interpretam mal esta busca da verdade, deixando-se levar pela irracionalidade e pelo fanatismo, pelo que se fecham na ‘sua verdade’ e tentam impô-la aos outros. [...] Fé e razão são necessárias e complementares na busca da verdade. Deus criou o homem com uma vocação inata para a verdade e, por isso, dotou-o de razão. Certamente não é a irracionalidade que promove a fé cristã, mas a ânsia

-
4. Jacques Bouveresse. “Precisamos da verdade?”. In Lawrence Hirschfeld – Ruy Vilar. *Que Valores para este tempo?* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Gradiva, 2007, 76.
 5. Danièle Cohn. “Que valores para os nossos dias?”. In Lawrence Hirschfeld – Ruy Vilar. *Que Valores para este tempo?* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Gradiva, 2007 365-366.
 6. José Maria Barrio Maestre. “Educación y verdad”. *Teor. Educ.* 20 (2008): 83-99.

da verdade. Todo o ser humano deve perscrutar a verdade e optar por ela quando a encontra, mesmo correndo o risco de enfrentar sacrifícios⁷.

A este propósito, Arturo Sosa, Geral da Companhia de Jesus, recorda que a Universidade é uma comunidade de interesses espirituais, comprometida na procura da verdade e que a Universidade se reconhece na busca da verdade porque está convencida da possibilidade de o ser humano aceder a ela. Por outro lado, continua, a Universidade está sempre aberta a reconhecer criticamente a precariedade do conhecimento, através do qual pretende formular a verdade e continuar a incessante tarefa de encontrá-la. O que valida a qualidade da reflexão e a profundidade intelectual é o efeito que esta tem na melhoria concreta na vida das pessoas. O trabalho intelectual é e torna-se, por isso, apostolado, quando se vive como missão recebida, quando não se fecha num gabinete nem nas suas próprias certezas, quando se abre ao diálogo com outras visões do mundo, da ciência e da cultura, quando se faz serviço para o mundo⁸.

Como expressámos na apresentação do ideário deste Congresso, a memória, quer seja individual ou coletiva, dá-nos o pano-de-fundo da nossa identidade contemporânea. «Ignorar ou distorcer a memória poderá conduzir aos perigos da sua glorificação antiquarista ou da sua menorização e reescrita através do revisionismo anacronista. A educação deve ter uma voz ativa no não-esquecimento do passado, contra os abusos e manipulação veiculados por sistemas políticos autocráticos e/ou movimentos radicais, extremistas e populistas. Para além disso, qualquer processo de reconciliação exige um reconhecimento tanto do bem-feito como dos erros do passado. Assim se criará espaço para o encontro e a cura da memória em ordem à promoção de uma paz justa e sustentável».

Por outro lado, hoje parece haver fobia à verdade, cuja expressão mais forte se vive no conceito de pós-verdade. A verdade, com efeito,

-
7. Bento XVI. Viagem Apostólica ao México e à República de Cuba (23-29 de março de 2012). *Santa Missa. Homilia do Papa Bento XVI*. Havana, Praça da Revolução José Martí, Quarta-feira, 28 de Março de 2012. Roma: Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana, 2012.
 8. Cfr. Arturo Sosa. “La universidad fuente de vida reconciliada”. Encuentro Mundial de Universidades encomendadas a la Compañía de Jesús. Loyola, 10 julio 2018, 4-5. In <https://unijes.net/wp-content/uploads/2019/11/La-universidad-fuente-de-vida-reconciliada-Arturo-Sosa.pdf> (Consultado em 11 de dezembro de 2018).

fruto da crise da razão, está também em crise, porque se conseguiu fazê-la passar para o terreno do ambíguo, do privado, do negociável, do toleradamente suportável. O passo em falso que se deu, fruto de um populismo que vive de emoções e do irracional, foi o de se tentar fazer crer que o respeito e a tolerância a todas as cosmovisões implica a renúncia à existência da verdade⁹. A verdade parece, por isso, estar sujeita e subjugada não à razão nem aos factos, mas a uma narrativa bem contada e bem “passada” através de uma comunicação manipuladora, mais interessada em comunicar que em informar. A comunicação nos nossos dias, em muitos casos, faz o papel dos sofistas na Antiga Grécia: o importante é “vencer”, neste caso, “convencer”. Nunca se poderá construir uma cultura de paz sem verdade.

O perdão, por outro lado, «é uma realidade ativa que pressupõe a memória, a verdade e a vontade de reconciliação, como pontos necessários para a finalidade para onde tende: uma paz que brota necessariamente da/com a/na justiça. Somente uma dinâmica de perdão, assente nestes pressupostos, possibilita reabilitar ou sanar uma memória ferida, traumática e ressentida, levando ao restabelecimento da integralidade da pessoa na sua dignidade ou das comunidades, seja(m) ela(s) a(s) vítima(s) ou o(s) opressor(es). Apenas pelo diálogo capaz de perdão, num processo de encontro na verdade, que tem como base necessária a justiça, entre vítima e opressor, poderão ambos emergir restaurados em toda a sua dignidade e humanidade. Uma pedagogia humanista da paz promoverá a interiorização da ação do perdão na sociedade, ultrapassando radicalismos e fragmentações e, conseqüentemente, a criação de uma cultura de paz».

Sem verdade, memória e perdão, nunca poderá haver uma ação transformadora humanista, humanizante e redentora porque apondo para o divino.

Este Congresso visa, então, propiciar a apresentação e a discussão de trabalhos e investigações sobre o lugar e o papel da Educação na promoção e efetivação da cultura de paz, particularmente nos vetores da memória, da verdade, que exige a justiça, e do perdão.

Dentro deste contexto, o V^o Congresso Internacional de Pedagogia *EDUCAÇÃO E CULTURA DE PAZ: MEMÓRIA, VERDADE E PERDÃO*, levado a cabo pela Faculdade de Filosofia da Universidade

9. Gabino Uríbarri. “Ante los retos a la cristología de parte de la actual cultura plural”. *Teología y Vida* 58/2 (2017): 221-243.

Católica Portuguesa, em parceria com a Universidade de Deusto, tem como objetivos refletir sobre temáticas como: Dignidade, Verdade e Paz; Identidades e Interculturalidade; Educação e Memória: Família e Intergeracionalidade; Perdão, Diálogo e Cultura de Paz; Ecologia e Paz; Movimentos Emancipatórios e Reconciliatórios; Democracia, Verdade e Populismos; Direitos Humanos, Convivência e Caminho para a Paz; Diversidade, Tolerância e Reconciliação; Escola, Indisciplina e Culturas de Paz; Contributos da Companhia de Jesus para a Cultura de Paz.

Para este fim, contamos com especialistas dentro destas várias áreas. Saudamos em particular a presença do Dr. Álvaro Laborinho Lúcio (Juiz Conselheiro), do Dr. Guilherme d' Oliveira Martins e da Professora Izaskun Sáez de la Fuente, Conferencistas Plenários deste Congresso.

Agradecemos também a todos os que fizeram o favor de terem aceitado o nosso convite para colaborarem neste Congresso com as suas reflexões nos três Painéis: “Educação e Cultura de paz: o dever da memória”; “Educação e Cultura de paz: a abertura à verdade” e “Educação e Cultura de paz: o caminho do perdão”

Uma palavra de gratidão vai também para as Instituições que patrocinaram este Congresso e que, como vem sendo hábito, se mostram sempre abertas à promoção deste tipo de eventos culturais: à *FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia*; à *Revista Interdisciplinar sobre o Desenvolvimento Humano (RIDH) – Fundação Manuel Leão*; à *Revista Brotéria – Cristianismo e Cultura*; ao *Correio do Minho*; ao *Diário do Minho*.

Uma especial palavra de especial apreço fica também para a Universidade de Deusto, na pessoa do seu Reitor, Juan José Etxeberria.

Saudamos todos os participantes que, seguramente, através das suas reflexões enriquecerão este momento de reflexão.

Uma palavra de imensa gratidão vai para a Comissão Organizadora deste Congresso: Professor Carlos Estêvão, mentor e Cooordenador do mesmo; Professoras Ana Paula Pinto e Maria José Lopes; Professores Artur Galvão, João Carlos Onofre Pinto, Paulo Dias e Ricardo Barroso.

Gratidão expressamos também à Dtra. Tânia, à Dona Orquídea Lago, Dr.^a Anabela Fortunato, Dr.^a Carla Gonçalves e Dra. Carla Ferreira, Senhor Artur Alves, Senhor Eng.^o António Machado, Senhor Rafael Sousa, e todos os nossos alunos do Secretariado, que se disponibilizaram a tomar parte nas árduas tarefas da logística.

Muito obrigado a todos pela vossa presença.